



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/edição: Denise M Horn e Serena Parekh	Cód.:
TÍTULO: Introduction to “Displacement” in <i>Signs: Journal of Women and Culture in Society</i> 43.3	Data da ficha: 19 de Abril 2018
Editores: University of Chicago Press	
Ano: 2018	
ISSN: 0097-9740	
Páginas: 1-12	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Que papel podem os estudos feministas ter no estudo do desalojamento de populações? Esta edição especial da revista *Signs* tenta responder a essa pergunta.

Caroline Moser diz-nos que as mulheres desempenham um triplo papel nas economias em desenvolvimento: trabalho reprodutivo na família, que não é pago nem é visto como trabalho; trabalho produtivo, que é muitas vezes espelho do trabalho doméstico e é mal pago; e manutenção da comunidade e dos seus recursos.

Interessa às autoras avaliar o modo como estes papéis económicos acompanham as mulheres do Sul nas suas migrações, vincando aquilo a que chamam a “feminização das migrações”. Nos países de destino, estas mulheres retomam as funções domésticas, afetivas ou sexuais que desempenhavam nos países de origem. Implícita está a assunção de que não possuem outras valências que não as que lhes são atribuídas pela hierarquia heteronormativa das suas comunidades. O objetivo desta edição especial é problematizar e contestar esta ideia.

Um dos artigos centra-se sobre as políticas paternalistas que, nas Filipinas, regulam o trabalho migratório das mulheres. Um país de onde saem imensas mulheres, nas Filipinas reina o medo de que as mulheres estão a ser traficadas para fora do país para desempenharem trabalhos domésticos e sexuais. As políticas de emigração do país são por isso condicionadas por um discurso que representa as mulheres como vítimas. A autora foca-se nas mulheres que migram como turistas e depois

trabalham ilegalmente como prostitutas. Da perspectiva dos sítios que as recebem, por exemplo Hong Kong, estas mulheres já não são vítimas mas sim gente desonesta. Apesar de haver muita procura de prostitutas em Hong Kong, as mulheres Filipinas não podem emigrar para lá de forma legal. Descreve-se assim um regime de fronteiras marcado por questões de género (“gendered border regime”). A autora examina a forma como estas migrantes, encurraladas e forçadas ao nomadismo, resistem a este regime de vigilância intensificada.

Um outro ensaio tenta desmistificar a ideia de que a migração de mulheres do Sul para o Norte leva a uma maior igualdade de género. A autora mostra que isto não é necessariamente verdade porque, em certos sectores (por exemplo, na área da informática), os homens têm maior facilidade em arranjar emprego e isso leva a que as mulheres tenham de abdicar da carreira e ficar em casa para tomar conta dos filhos e evitar os altos custos das creches.

Outra das contribuições explora o modo como o trabalho afetivo das mulheres, valorizadas pela sua “resiliência” e “capacidade de sacrifício”, se torna ainda mais relevante no contexto de migrações motivadas por desastres. Centrando-se também nas Filipinas, a autora mostra como o governo tenta evitar encargos com a manutenção de crises sobrecarregando as mulheres, alegando que a emergência da situação e a melhor eficiência técnica da solução justifica a despolitização do género.

Outra autora aborda experiências de maior subtilidade (de dor, alegria, surpresa e criatividade) que tendem a perder-se com o foco no sofrimento ligado ao desalojamento.

A edição especial inclui também um texto sobre o papel das mulheres refugiadas na construção de narrativas de deslocação forçada. Muitas vezes os refugiados são encorajados a formular a sua estória de uma determinada maneira (vitimizandose) para poderem conseguir asilo político. A autora investiga histórias de mulheres refugiadas que não são vistas como credíveis por se desviarem dessa fórmula.

Outro dos textos foca-se sobre o modo como a vida de refugiado afeta os homens (em particular os homens Sírios) e a forma como a sua emasculação se reflete no modo como estes lidam com as mulheres, que são muitas vezes forçadas a adotar papéis mais tradicionais.

A questão da idade é também contemplada num ensaio centrado nos refugiados muçulmanos mais jovens, que são, até uma certa idade, vistos como vítimas, mas depois passam a ser olhados com desconfiança (mais masculinos e ameaçadores, rapazes que cedo se tornarão homens).

Finalmente, um dos ensaios mostra como o argumento da “escassez de recursos”, muitas vezes usado para justificar a redução do número de refugiados que determinado país consegue albergar, assenta numa ideia ilusória do lar como espaço predeterminado. A autora mostra-nos como, na verdade, todos nós estamos em risco de ser desalojados. Essa vulnerabilidade que partilhamos com os refugiados deve constituir a base para um novo sentido de responsabilidade, para lá da mera compaixão.

Os estudos feministas, habituados a olhar para as práticas quotidianas e a considerar uma vasta gama de diferenças sociais, permitem uma abordagem profícua a esta área onde as questões históricas e a experiência situada são fundamentais.

1.2. Palavras-chave:

Desalojamento; Migrações; Estudos Feministas; Prostituição;

Grupos Transculturalidades e Intersexualidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do artigo: Horn, Denise e Serena Parekh (2018), Introduction to “Displacement” in *Signs: a Journal of Women and Culture in Society* 43.3, University of Chicago, 1-12.